

UMA APRESENTAÇÃO: PALAVRA, PENSAMENTO E EDUCAÇÃO MOBILIZADOS PELA ARTE

Célia Linhares

Se tu me amas, ama-me baixinho. Não o grites de cima dos telhados. Deixa em paz os passarinhos.

Mario Quintana.

O melhor do novo é que corresponde a um desejo antigo.

Paul Valery

1. Antes de começar, a tela estava vazia?

Com o convite para escrever a apresentação da Revista Interinstitucional Artes de Educar (RIAE), afluíram em mim múltiplas indagações, oferecendo-me indícios para me lançar por caminhos que incluíam, com alguma atração, cuidado e, até mesmo, encanto, estranhezas, indefinições, névoas e riscos, constituindo desafios envoltos numa curiosidade que se alimentava e se alimenta por velhos desejos de diferir, de criar passagens, onde só pareciam existir solos agrestes, enfim de dar uma acolhida ao que a contemporaneidade nos oferece de mais promissor.

Pulsavam em todos nós, da comissão organizadora da RIAE, velhos desejos de experimentar uma forma mais aberta de pensar a educação, capaz de potencializar intervenções participantes e instituintes de outros processos de aprender e ensinar que, acreditamos, devem ser expressas na apresentação desta Revista, para corresponder ao "modus faciendi", com que ela vem sendo sonhada, atravessada por embates e, finalmente, proposta e construída, com forças experimentais.

A RIAE buscando impregnar com arte todos os movimentos de criação que a constituem, numa busca de potencializar a educação, não teme estremecer moldes e fissurar padrões já gastos e consumidos por autoritarismos com que se processam aprendizagens e ensinagens, investigações e divulgações de saberes e conhecimentos. Estes mudam de tom com financiamentos sedutores, mas que se mantêm colados em lógicas continuistas e aplicativas. Nossa Revista investe em exercícios de um pensar que surpreenda pela

capacidade de produção de outros caminhos para problemas crônicos que se reeditam e se tornam agudos na educação contemporânea.

Ao invés de mimetismos reprodutores, alimentados por referências já em superação histórica, nos expomos, com nossos artigos, entrevistas, resenhas e outras formas de contribuições educacionais, a um fluxo sempre em devir, que se intensifica pela elaboração de questões densas, vivas que continuamente pedem estudos, como ações atentas às sensações, às observações, instrumentalizando-se com conversas filtradas por sentimentos, debates sinceros, que respeitem as contribuições dos interlocutores. Falamos de exercícios de uma arte de pensar e repensar, sem a compulsão da pressa, dos submetimentos aos modismos e, sobretudo, sem a prepotência de conclusões dogmáticas que prescrevem sancionam modelos autorizados.

Sabemos, sabemos muito bem, que formular perguntas inclui um exercício de desvio de respostas simplistas e ligeiras, pois o processo de problematizar, com largueza de movimentos, provoca uma expansão do processo de educar e da própria vida.

Mas, a tela do computador, que à primeira vista, poderia dar a impressão de estar vazia, disparou em mim reminiscências dos momentos forjadores desse rio caudaloso de pensamentos e palavras, com que foi se constituindo a RIAE, como uma arte viva. Chegamos até a imaginar, com Foucault, que é mais que oportuno, é urgente, indagarmos sobre outras dimensões da arte, da estética e da política que se entranhem como processos educativos, vitalizando a produção de sentido para aprender, ensinar, conviver, pensar, solidarizar-se e amar.

O que me surpreende é o fato de que, em nossa sociedade, a arte tenha se transformado em algo relacionado apenas a objetos e não a indivíduos ou à vida (...). Mas a vida de todo indivíduo não poderia ser uma obra de arte? Por que uma mesa ou uma casa são objetos de arte, mas nossas vidas não? ¹

Não estaria no tempo de tratar a escola, recriando-a esteticamente como uma política a enfrentar desigualdade, provocando empenhos de reinvenção que fosse muito além de conselhos, determinações e ameaças? Mas relampejaram, também, em meio as nossas escolhas e atalhos, essa preocupação com a educação como uma arte, presente no pensamento e na ação de Anísio Teixeira, Paulo Freire, Darcy Ribeiro e tantos outros mestres da educação brasileira.

Então, fomos nos apropriando de concepções de estética como política, transitando e usufruindo da fertilidade dos espaços e tempos de fronteiras, tanto entre instituições, como transversalmente, entre disciplinas e culturas. Eram outras possibilidades e riscos de

estabelecer inter-relações que mobilizassem nossas questões com o fluir que desarruma a vida, exigindo que a reorganizemos, com arte. Impossível não lembrar de João Cabral de Melo Netoⁱⁱ.

...E não há melhor resposta
que o espetáculo da vida:
vê-la desfilar seu fio,
que também se chama vida,
ver a fábrica que ela mesma,
teimosamente, se fabrica,
vê-la brotar como há pouco
em nova vida explodida.

Pois, se cartografássemos nossos encontros, desde aquele em que nasceu a ideia da Revista, seria possível captar movimentos, sonhos que iam além de um simples habitar nas fronteiras das instituições, das disciplinas e das culturas. Desejávamos que a RIAE transitasse, semeando, inquietudes do pensamento, sem rendições diante de travas e negações históricas, a ponto de reconhecer, alargar e inventar brechas que ampliem as travessias da educação, com uma autonomia e estética em que não se ausentam processos vivos de cognição política a se fundir com uma ética sempre em construção.

Em outras palavras, não nos resignávamos com os tempos amortecidos, rotineiros na escola, na universidade, na pesquisa, na extensão. Pelo contrário, desejamos promover um clima de desassossego poético, científico, filosófico, educativo, escolar, enfim, histórico e, por isso mesmo apropriado para instalar um outro tempo no pensamento pedagógico, um tempo vivo, includente de nossas existências em convívio com lances inesperados e até brutais, como o são a vida e a morte.

Certamente, andávamos próximos de Benjamin, quando cansado e descrente do progresso civilizatório que ia devastando e inviabilizando politicamente a transmissão das experiências, volta-se para o conceito de barbárie, soerguida por uma arte capaz de potencializar uma outra cultura. (Experiência e pobreza)ⁱⁱⁱ.

A Revista nascia com histórias interinstitucionais, fazendo confluir dois Programas de Pós-Graduação em Educação: o de "Contextos Contemporâneos e Demandas Populares" que já funcionava no Instituto Multidisciplinar e no Instituto de Educação, da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, respectivamente em Nova Iguaçu e em Seropédica, e o Programa de Pós-graduação em Educação "Processos Formativos e Desigualdades Sociais"

da Faculdade de Formação de Professores da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, que se desenvolve em São Gonçalo, ambos no Estado do Rio de Janeiro.

É importante sublinhar que esses Programas mobilizaram entre tantas questões, aquelas geradas nas entranhas de um Brasil que intensificou seus movimentos no sentido de erguer da pobreza extrema camadas majoritárias de sua população, como uma das vias de desdobrar a luta vitoriosa que derrubou a ditadura iniciada em 64.

Contudo, também importa reiterar que, essas questões políticas que afetam prioritariamente os interesses educacionais das maiorias afetadas pelas múltiplas exclusões, não são exclusividades desses Programas. Pelo contrário, a mesma herança pró democracia se entranhou de modo plural e intersticial em vários segmentos da sociedade, contando com o trabalho de associações científicas e sindicais e de intelectuais democratas, bem como de influentes empenhos de religiosos que lutavam por justiça social.

Voltando aos dois Programas que dispararam a ideia de confluírem na organização desta Revista, vale lembrar que foram gerados e mantidos em universidades públicas, o que também, facilitou a conjunção com o Programa de Pós-graduação em Educação da UNIRIO, sediado na cidade do Rio de Janeiro, que além de ser um Programa cronologicamente jovem, como os outros dois, deles se aproximou, não só por suas atividades interinstitucionais e inter e transdisciplinares e transculturais, mas sobretudo, por compartilhar tendências e avançar em opções de expansão, tanto horizontais, quanto verticais, de suas atividades acadêmicas.

Ainda me parece justo destacar que, ao entrelaçarmos nossas ações com esses três programas, fundindo sonhos e projetos para potencializar o circuito de debates em torno das questões que tensionam a educação, através da RIAE, intensificamos uma certa tradição de resistência aos mimetismos abstracionistas e aos modismos utilitários que de muitas maneiras controlam, congelam e esterilizam produções educacionais.

Mas, a RIAE também se sustenta numa urgência de superar improvisos e subjetivismos, partindo dos saberes conhecidos para poder ampliá-los, revitalizando suas gêneses, suas problemáticas e seus conceitos, interligando-os à vida, o que exige uma valorização da inteligência sensível, como nos ensina Fayga Ostroeyer^{iv} ou como nos confessa Adélia Prado^v.

Minha mãe achava estudo
a coisa mais fina do mundo.
Não é.
A coisa mais fina do mundo é o sentimento.
Aquele dia de noite, o pai fazendo serão,

ela falou comigo:
“Coitado, até essa hora no serviço pesado.”
Arrumou pão e café,
deixou tacho no fogo com água quente.
Não me falou em amor.
Essa palavra de luxo.

Voltando à tela, percebemos o quanto ao invés de vazia, ela já borbulhava de histórias, perspectivas, desejos e projetos, mas também de travas, inércias, modelos, representações, figurações, conformismos e rendições. Não foi um achado casual e fortuito que levou Deleuze a reconhecer a presença de infindáveis chavões superpostos, na tela, ainda intocada por Bacon, antes que ele a pintasse. Nesse caso, pintar para Bacon implicaria em enfrentar o trabalho de dissolver um a um esses clichês, que reduzem a vida a aspectos óbvios, de desfigurar o figurativo.

Deleuze chama a atenção para o fato de ele ser um pintor da força, da intensidade (...) Ao expor os procedimentos empregados por ele para livrar-se da representação, Deleuze estabelece uma aliança entre esse grande pintor e literatos como Kafka, Artaud, Beckett e vários outros que se notabilizaram pelo mesmo projeto. Isso torna esta obra esclarecedora de um dos procedimentos principais utilizados por Deleuze na criação de seu próprio pensamento filosófico: a transformação em conceitos de elementos não conceituais – perceptos e afetos – oriundos da literatura e das artes^{vi}.

A filosofia, a poesia têm valorizado o esforço de pensar como uma contraposição ao que está estabelecido, de encontrar palavras e forças para dizer o indizível, de auscultar silêncios, de deter-se nos vazios, de reconhecer erros e ignorância como possibilidades que não podem ser menosprezadas.

Nessa direção, vou até Manoel de Barros, tomando emprestado uma ponta mestra de sua poesia.

A mãe reparou que o menino gostava
mais do vazio do que do cheio.
Falava que os vazios são maiores e até infinitos^{vii}.

Enfim, o que mais investimos como projeto da RIAE é que a cada edição possamos nos habilitar para outras rotas e participações, desejo bem sintetizado num primoroso haikai.

À beira do poço
sentei-me com um desejo:
não perder a sede^{viii}.

2. Ladrilhando pistas de voo e aterrissagem da RIAE

Para apresentar uma revista será que bastaria dizer o que ela é? Em que consistiria pavimentar um chão para seus movimentos de decolagens, voos e aterrissagens? Para encaminhar esta questão, se impõe uma outra: o que é cada revista? O que esta revista pode ser e quer ser? Com que fluxos ela vem sendo plantada? De que necessidades, experiências, sonhos e acontecimentos ela é feita? Como ela problematiza seu campo de conhecimento? O que nela cabe? O que lhe escapa, ou o que lhe falta? Como se mestiça com a vida?

Continuando, ainda preciso perguntar, se basta dizer o que nela nos é familiar ou é imprescindível tentar expressar o que ela carrega de estranhamentos? Enfim, o que significa construir uma revista aberta, porosa e, assim, nos expormos às fugas e aos desvios em suas trajetórias, às reversões e aos deslocamentos das expectativas com que a elaboramos?

Se não podemos minimizar nenhuma dessas questões, tampouco queremos fechá-las em respostas pontuais. É preciso pensar, voar, apalavrar a vida sem amesquinhar seus movimentos. Os escritores sabem disso: como cada palavra pede para ser espremida, virada e revirada, para que ela possa diferir de si mesma e expandir-se, voando fora das asas e caminhando onde ainda não há caminhos. Lembram-se de Guimarães Rosa, Graciliano Ramos e tantos outros que compararam o ofício de escritor ao ofício das lavadeiras, lavando e espremendo as palavras, como as roupas para inventar-lhes formas de dizer o que até então era indizível?

De muitas maneiras se pode apresentar uma revista instigante e séria conciliada com rigor de uma arte, que se reinventa incessantemente. Temos orgulho dos avanços que fizemos no campo da educação no Brasil, sustentados pelas forças democráticas que também se refletiu ampliando e qualificando a produção bibliográfica. Entretanto, ainda a forma mais reiterada, o modelo mais usual de apresentação de revistas educacionais ainda seja aquele que privilegia o destaque seletivo de conteúdos e formas, como um "auxílio" à escolha do leitor do que deve ser prioritariamente lido. Atrás dessa pragmática se aloja uma concepção que se infiltra como uma palavra de ordem, indiscutivelmente posta, que está inscrita na lógica hegemônica de apostar num tempo submetido a calculismos e, portanto, desligado da vida.

Estes modelos de apresentação antecipam, em rápidas pinceladas, o que cada número da revista expõe, resume e desenvolve nas suas diferentes sessões. Embora reconhecendo a variedade de ênfases nesse tipo de apresentação que comportam expressões honradas por trabalhos de crítica e criação, não queremos aliviar o que vem se apresentando como um tipo de consumismo de ideias, com colagens de traços gerais e de pedaços amortecidos de textos, em que se ausentam pensamentos, sensações e sentimentos, deixando intocadas graves questões educacionais que nos rondam, corroendo e ameaçando a democracia contemporânea.

Portanto, não é sem razão que nos acostumamos com formas esquemáticas que não só facilitam a localização dos temas expostos, mas também que ressaltam sua funcionalidade utilitária. Importa atentar para como desde a apresentação se pode ir inquietando o pensamento ou silenciando-o, acomodando-o às trajetórias percorridas nos artigos, destacando os autores, as novidades das fontes e bibliografias exploradas e, finalmente, as soluções encontradas, reconhecidas e avalizadas por expansivas comunidades de pesquisadores e de leitores e, ainda pelo aval das agências financiadoras.

Mas, isso só faz crescer a importância de periódicos que problematizam os temas trabalhados, evidenciando sua correspondência com os impasses escolares e educacionais, sociais, culturais e históricos. Embora sejam múltiplas e até infinitas as possibilidades de realizarmos apresentações, estou convencida de que elas devem manter alguma fidelidade com os objetivos da própria revista. Claro que nada disto pode ser pago com o preço da ausência de surpresas.

Pelo contrário. A apresentação é mais um espaço para praticarmos instrumentos tantas vezes expressos como princípios e afetos que nos mobilizam em nossa atuação com o nosso campo educacional. Como já afirmamos, confluímos, desde os primeiros lampejos da organização, da Revista Interinstitucional Artes de Educar, com as perspectivas de tornar as fronteiras cada vez mais porosas de modo que nossa Revista pudesse, não só, habitar espaços interinstitucionais, mas mobilizar-se em exercícios inter e transdisciplinares, mas também inter e transculturais entrelaçando casa, rua, trabalho, escola à vida e a morte.

Para não concluir aqui transpomos o que já consta no site da Revista Artes de Educar que “tem como missão alimentar a arte de pensarpraticar a educação, entrelaçando movimentos éticos, estéticos e políticos. Dentre os objetivos da Revista está o de divulgar a produção de pesquisadores e professores brasileiros e estrangeiros, propiciando um diálogo entre os diferentes campos e espaços da educação. Publica dossiês temáticos, ensaios, resenhas, relatos de experiências entre outras contribuições, tendo periodicidade

quadrimestral. Acolhe publicações em língua estrangeira (inglês/espanhol). Os artigos apresentarão resumos em português e inglês ou espanhol.”

ⁱ Cf. “*Ce que m’etonne c’est que, dans notre société, l’art n’ait plus de rapport qu’avec les objets, et non pas avec les individus ou avec la vie; et aussi que l’art soit un domaine spécialisé, le domaine des experts que sont les artistes. Mais la vie de tout individu ne pourrait-elle pas être une oeuvre d’art? Pourquoi un tableau ou une maison sont-ils des objets d’art, mais non pas notre vie?*” FOUCAULT, *À propos de la généalogie de l’étiq^{ue}: un aperçu du travail en cours*, In: FOUCAULT, *Dits et écrits*, p. 617.

ⁱⁱ MELO NETO, João Cabral de. *Morte e vida severina*. Alfaguara Brasil : 2007.

ⁱⁱⁱ BENJAMIN, Walter. *Experiência e pobreza* [1933]. *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1993.

^{iv} OSTROWER, Fayga. *Universos Da Arte*. Edição Comemorativa. Rio de Janeiro: Elsevier Brasil, 2004.

^v PRADO, Adelia. *Ensino*. Em : Jornaldepoesia.jor.br/ad.himl. Consultado dia 20 fevereiro 2015

^{vi} MACHADO, Roberto. In: Deleuze, Gilles. *Francis Bacon: Lógica da sensação*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 2007. Orelha.

^{vii} BARROS, Manoel de. *Exercícios de ser criança*. Rio de Janeiro: Salamandra, 1999.

^{viii} LEITE de SOUZA, Ângela. *Lição das horas*. Belo Horizonte: Editora Miguelim.